

Entrevista com **Bernard Rangé** (CRP 05/1166), psicólogo, psicoterapeuta, professor de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da UFRJ e ex-presidente da Associação Brasileira de Psicoterapia (ABRAP).

1) Como foi criada a ABRAP e com que objetivos?

Há um tempo atrás, eu recebi um convite do Luís Hanns para uma reunião em São Paulo, com algumas outras pessoas presentes, na qual foi apresentada a proposta de uma associação que se propunha à orientação e a defender os interesses da psicoterapia. Por exemplo, tentar que planos de saúde também oferecessem serviços de psicoterapia. Acabei sendo convidado para participar da primeira presidência. A idéia era a de que houvesse sempre três presidentes – um “triumvirato” –, cada um de uma orientação diferente. Eu entrei como presidente com orientação cognitiva. Participaram comigo o Luis Hanns e Plínio Montagna.

2) De onde veio a demanda pela criação da ABRAP?

Existiam movimentos fora do Brasil em defesa de uma organização para a efetividade da psicoterapia. Até cheguei a conhecer, no Chile, o presidente da Associação Internacional de Psicoterapia. Depois, houve uma reunião proposta por essa associação em Buenos Aires para discutir isso.

3) Como entra questão da regulamentação na ABRAP?

Não dá para pensar que a ABRAP possa vir a ter nenhum papel de regulamentação da psicoterapia. É uma coisa que não faz parte dos seus objetivos. A regulamentação tem claramente a ver com os conselhos federais e regionais. A ABRAP é uma associação que defende os interesses de quem pratica a psicoterapia.

O que houve foram trabalhos no sentido de atuar na Agência Nacional de Saúde Suplementar da ANVISA para fazer com que a psicoterapia fosse incluída nos planos de saúde. Essa ação já produz resultados. Alguns planos de saúde deixam até 12 sessões. A pessoa faz a sessão de psicoterapia e o plano de saúde paga.

4) Um dos argumentos pela criação da ABRAP era de que haveria uma preocupação da sociedade com possíveis “picaretagens” de pessoas que se dizem psicoterapeutas sem ter formação adequada. Mas se a ABRAP não regula, como pretendia resolver isso?

Na verdade, isso é mais função do CFP e dos CRPs. Há um tempo atrás, o CFP tomou decisões de não reconhecer como práticas psicoterápicas alguns tipos de intervenção, como florais, por exemplo.

5) Mas essa regulamentação do CFP vale para psicólogos, assim como as do Conselho de Medicina valem para psiquiatras. No entanto, uma das preocupações alegadas era com profissionais de outras áreas exercendo irregularmente a psicoterapia (um exemplo são pastores evangélicos que se diziam psicanalistas). A ABRAP tenta regular isso?

Houve uma ação da ABRAP nesse sentido. Eu ainda estava na ABRAP quando estourou essa questão dos pastores evangélicos. A ABRAP provou que aquela prática não era psicanálise. Ela apenas emite declarações de que não reconhece aquela prática

como psicoterapia, mas não tem poder de realizar ações específicas, como ações judiciais.

6) Como a ABRAP lida com o fato de ter que unificar uma prática que, além de possuir linhas tão diversas, trabalha com a subjetividade?

Houve até conflitos no início. Algumas terapias corporais, por exemplo, se sentiram excluídas. Depois, houve um entendimento e elas passaram a fazer parte. Mas a ABRAP lida com um tipo de concepção das psicoterapias independentemente das suas linhas. Tanto que a presidência é formada por um de cada orientação e há um trabalho comum entre psicólogos e psiquiatras.

7) E qual é essa concepção, para a ABRAP, do que é psicoterapia? Há mais de 400 linhas, então, como definir o que é ou não psicoterapia?

A psicoterapia é entendida como sendo alguma interação que acontece pelo menos entre duas pessoas – pode ser entre uma pessoa e um grupo também – com o objetivo de mudança na vida de um dos dois. E o outro sirva como o abalo dessa mudança.

8) Como é a relação da ABRAP com os conselhos profissionais de cada categoria que exerce a psicoterapia?

A prática psicoterápica, no Brasil, é restrita a psicólogos e psiquiatras. Acredito que a relação com os conselhos de Psicologia e Medicina se dê sem problemas. Estou afastado há algum tempo, mas nunca houve grandes obstáculos. Sempre se entendeu que havia necessidade de um trabalho integrado entre psicólogos e psiquiatras.

9) Muitos psicanalistas se opuseram à inclusão da psicanálise entre as psicoterapias pela ABRAP. Como vocês lidaram com essa questão?

Houve uma sociedade especificamente que marcou oposição. Era mais um tipo de trabalho psicanalítico, de uma determinada sociedade. Mas, na ABRAP, havia psicanalistas, terapeutas corporais, psicodramatistas, sistêmicos, rogerianos etc. Havia pessoas de todas as orientações.

10) Mas muitos psicanalistas não se consideram psicoterapeutas. Os protestos foram com relação a essa questão?

Sim, a discussão com essa sociedade foi mais ou menos por aí. Mas a psicanálise acabou sendo inserida na ABRAP. Dois dos primeiros presidentes, que presidiram junto comigo, eram psicanalistas.

11) E quanto aos psicoterapeutas em geral? Como foi a aceitação da criação da ABRAP?

Acredito que não tenha havido um grande conhecimento da criação dessa associação pelos psicoterapeutas. Acho que o desenvolvimento dela não foi de forma a chamar a atenção. Foi cuidadoso, passo a passo.

12) Mas, então, como unir os psicoterapeutas se a ABRAP foi criada de forma a não haver sua participação?

Ela não foi criada para não haver participação. Foi criada como uma associação que em princípio, poderia atender interesses de quem pratica a psicoterapia. Acho que os

psicoterapeutas não tomaram muito conhecimento de que estava sendo criada uma associação desse tipo, mas ela foi criada para defendê-los.

13) Como a ABRAP vê a questão da formação? Quais são suas propostas para essa área?

Não sei se isso já foi objeto de um projeto da ABRAP. Na sua criação, já havia uma expectativa de que, pelo menos em algumas abordagens, a formação deveria ter certos tipos de treinamento, de supervisão, uma certa quantidade de horas etc. Isso é importante. Mas acho que não acabou sendo desenvolvido esse projeto.

14) A ABRAP se insere na questão da produção científica sobre psicoterapia? Como?

Era um projeto, desde o início, caracterizar bem o que seria psicoterapia e um reconhecimento de materiais que fossem adequados àquela prática.